



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Quinta-feira > 19/10 > 14:00-15:30
Auditório Baesse

Aléxia Cruz Bretas > Universidade Federal do ABC

Deixa o velho Platão franzir seu olho austero ou Queerificando Baudelaire

As Flores do Mal (1857) correspondem ao monumento, por excelência, do inigualável gênio baudelairiano. Escritos ao longo de 27 anos, os 166 poemas reunidos nesta compilação antológica expressam, segundo Benjamin, o canto de cisne do último grande lírico no auge do capitalismo. Confirmando sua irreduzível extemporaneidade, seis de suas “flores doentias” foram sumariamente censuradas pelo Tribunal Correccional de Paris, sob a alegação de atentarem contra a moral e os bons costumes. A posteriori, foram incorporadas ao livro, sob a rubrica “Poemas condenados”, na seção “Marginália”, na qual “Lesbos” e “Mulheres Malditas” figuram em posição de destaque – de certo modo, justificando o outro título cogitado para As Flores do Mal: “As Lésbicas”. Em todo caso, postado na encruzilhada maldita entre o spleen e o Ideal, a natureza e a história, Baudelaire dá voz aos avatares apócrifos de uma modernidade decadente redimida pela sensibilidade de uma antiguidade heroica. A partir deste ponto ótimo de inflexão, algumas de suas mais eloquentes invocações performativas encarnam-se, não por acaso, em corpos femininos não-normativos, voluptuosamente animados pelo pathos da negatividade: os das lesbianas. Personagens como Safo, Delfina e Hipólita, por exemplo, vêm a protagonizar um enquadramento teórico essencialmente antiplatônico, no qual as múltiplas figuras do antinatural, do anormal e do inumano são revistas e transvaloradas à luz de uma perspectiva que talvez pudéssemos chamar de “queer” avant la lettre. Trata-se, aqui, de submeter as sublimes composições baudelairianas ao crivo de uma certa genealogia biopolítica do

gênero informada por autores contemporâneos como Judith Butler, Monique Wittig, Donna Haraway e Paul Beatriz Preciado.

Sílvia Faustino de Assis Saes > Universidade Federal da Bahia

'Escrita feminina': a finalidade do projeto e seus impasses

Na múltipla esfera interdisciplinar da chamada "estética feminista", tem ganhado cada vez mais espaço a discussão acerca das marcas de gênero vinculadas à base conceitual da disciplina. Este trabalho propõe uma investigação da noção de "escrita feminina" ["écriture féminine"] – proposta por Hélène Cixous, Julia Kristeva, Luce Igaray e Monique Wittig, autoras representantes da crítica feminista francesa dos anos 70. Pretende-se investigar os impasses conceituais concernentes à finalidade do projeto, tendo em vista o problema de que a crença em uma faculdade da linguagem essencialmente feminina fere o compromisso intelectual do feminismo consequente que recusa a oposição cristalizada do masculino-feminino. A retomada dos problemas conceituais em torno do projeto da "escrita feminina" pode auxiliar na circunscrição, formulação e articulação de alguns problemas epistemológicos mais específicos, em especial, aqueles que envolvem o pressuposto de que há maneiras distintas pelas quais as mulheres percebem a realidade e são capazes de integrar essa experiência singularmente feminina no ato da escrita. Além dos impasses inerentes ao projeto da "escrita feminina", central a este trabalho, serão brevemente indicados dois contrapontos que parecem apontar para uma direção diferente daquela que gerou aquelas dificuldades: o estudo de Rita Felski sobre as narrativas femininas, que são classificadas por ela como "realistas e autobiográficas", e o resultado de alguns estudos sobre as expressões utópicas e distópicas das "ficções científicas feministas". Este trabalho seria o início de uma investigação mais ampla sobre a estética feminista no campo da produção literária.

Frederico Canuto > Escola de Arquitetura - UFMG

Da colonização a clasterização: censo, museu e o atlas como dispositivos de poder e espaço

Benedict Anderson em “Comunidades Imaginadas” coloca o seguinte paradoxo: apesar do interesse antinacionalista dos países colonizadores durante o século XIX tomado como forma de manter os colonizados como tal para sempre tendo como referência sempre as metrópoles, é possível perceber como tais colonizados criaram uma gramática própria de forma clara, uma gramática alter nacionalista. Tão interessante quanto é o modo como Anderson discute tal gramática: a partir de três dispositivos que guardam relação direta com Michel Foucault e sua arqueologia do saber e formas de poder, sendo eles, o museu, o atlas e o censo. A presente proposta de trabalho quer discutir a partir das artes plásticas e da estética urbana tais imagens unificadoras e colonizadoras produzidas pelos centros e seu contraponto em um movimento duplo: um primeiro de descolonização do imaginário e outro, de multiplicação destes mesmos, criando novos povos e alter nacionalidades. Se de um lado temos o museu, o censo e o atlas como cartografias que colonizaram imaginários, por outro tem-se a coleção, a multidão e a paisagem como conceitos críticos decolonizadores e resultados de um movimento de multiplicação que oportunamente relacionaremos com a ideia de Guerra advinda das leituras de Deleuze a partir de Clastres e da pesquisa desse junto aos povos ameríndios. Aproximando tais dispositivos de suas contrapartes, se pretende chegar a uma discussão a respeito da Guerra como dispositivo afetivo e produtor de novos regimes de sensibilidade donde a ideia de sociedade dá lugar a uma de sociabilidade.